

LINGUASAGEM

MÁSCARA É COISA DE VIADO: FORMAS DE RESISTÊNCIA, RELATIVISMO E APOIO NO TWITTER AO ENUNCIADO DITO PELO PRESIDENTE BOLSONARO

Aderlon dos santos GERONIMO¹
Regina BARACUHY²

Resumo: Este artigo tem como objetivo mobilizar o conceito de enunciado, trabalhado por Michel Foucault em *arqueologia do saber*, e discutir sua operacionalidade na contemporaneidade a partir do dito “máscara é coisa de viado” pelo presidente do Brasil, Jair Bolsonaro. Para tanto, utilizamos o enunciado como acontecimento a fim de revelarmos uma rede enunciativa no campo do discurso. Tomamos como base a publicação feita no *Twitter* pela *Folha de S. Paulo* que revela bastidores do comportamento do presidente durante a pandemia. Resultados mostram quatro categorias que atribuem ao enunciado formações discursivas em torno do dito.

Palavras-chave: enunciado; pandemia; Bolsonaro; acontecimento.

Abstract: This article aims to mobilize the concept of utterance, worked on by Michel Foucault in *saber archeology*, and to discuss its operability in contemporary times from “mask is a fagot” by the President of Brazil, Jair Bolsonaro. For this, we use the statement as an event in order to reveal an enunciative network in the field of discourse. We take as a basis the publication made on *Twitter* by *Folha de S. Paulo* that reveals behind the scenes of the president's behavior during the pandemic. Results showing four categories that attribute to the statement discursive formations around the said.

Keywords: enunciated; pandemic; Bolsonaro; event.

¹Aluno especial (doutorado) do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba; Mestre em Jornalismo pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ), UFPB. E-mail: aderlonamorim@gmail.com.

²Doutora em Linguística e Língua Portuguesa; Universidade Federal da Paraíba. E-mail: mrbaracuhy@hotmail.com.

Introdução: contextualizando o trabalho

A pandemia mundial ocasionada pelo surgimento do COVID-19³ teve início em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, na China. O primeiro artigo⁴ científico foi publicado algumas semanas depois por pesquisadores chineses que descreveram o caso de um paciente de 41 anos que teria contraído a doença.

No Brasil, o primeiro caso foi confirmado pelo Ministério da Saúde em 26 de fevereiro de 2020. Desde o surgimento da doença, o presidente Jair Bolsonaro tem criticado as medidas adotadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no combate à pandemia. Essa posição contrária aos estudos científicos adota por Bolsonaro nos leva a questionar alguns conceitos Foucaultianos como enunciado, série enunciativa, acontecimento, formação discursiva, entre outros. Neste artigo nos propomos a estudar o conceito de enunciado e para isso tomamos como base o método arqueológico.

As questões que trabalhamos neste estudo, a partir da noção de enunciado, desenvolvida por Michel Foucault (2008), e tomando como base o dito “máscara é coisa de viado” pelo presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, são motivadas pela compreensão de como os saberes se constituem e produzem redes de discurso. Ou seja, trata-se de analisar o enunciado e suas relações com outras formações discursivas que as atravessam a fim de descrevê-las e localizá-las em meio à dispersão.

O nosso trabalho busca identificar tanto a regularidade do enunciado “máscara é coisa de viado” na dispersão considerando o dito como acontecimento, quanto analisar sua recorrência no ano de 2020. Segundo Foucault a regularidade pode ser compreendida como “o conjunto das condições nas quais se exerce a função enunciativa que assegura e define sua existência” (2008, p.163).

Assim, os enunciados que são regidos pelo dito: “máscara é coisa de viado” fazem parte de um campo discursivo no qual a ideia de proteção pessoal é ressignificada para entrar na ordem dos discursos. Compreendendo que todo enunciado se conecta a

³ Nome científico atribuído ao surgimento de um novo vírus capaz de ser transmitido com facilidade entre humanos.

⁴ Fan Wu et. al. A New coronavirus associated with human respiratory disease in China. *Nature*. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/s41586-020-2008-3>> Acesso em: 30 de Jul. 2020.

revista *Linguagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 249-273. ISSN: 1983-6988

outros elementos enunciativos que o antecedem (Foucault, 2008), nos propomos a analisar essa rede de memórias a fim de identificarmos os discursos políticos, científicos e patriarcais de uma sociedade machista que atravessam o enunciado em análise. A nossa hipótese está dividida em dois momentos:

- H1: o enunciado “máscara é coisa de viado” faz parte de um discurso negacionista que busca minimizar os impactos da pandemia no Brasil a fim de ignorar o caos;
- H2: a palavra ‘viado’ utilizada pelo presidente Jair Bolsonaro entra no discurso machista onde acessórios são associados à imagem feminina e o homem com sua virilidade não precisaria utilizar a máscara como objeto de proteção.

Para isso, em um primeiro momento apresentamos um levantamento dos conceitos teóricos Foucaultianos a fim de compreendermos o método arqueológico para aplicarmos nas nossas análises posteriormente. Em seguida descrevemos o caminho metodológico utilizado para esta pesquisa, e por fim, apresentamos as análises, os resultados e conclusões.

Enunciado, série enunciativa e acontecimento

Foucault (2008) no livro *arqueologia do saber* apresenta uma caixa de ferramentas que possibilita o funcionamento de sua análise. Essas ferramentas são representadas por conceitos atribuídos ao sujeito, poder e o discurso. Tomando as noções de enunciado, série enunciativa e acontecimento podemos organizar o nosso corpus nesta pesquisa. Em outras palavras, o método arqueológico busca verificar o acontecimento discursivo a fim de caracterizar o enunciado no arquivo. As mudanças históricas de uma sociedade estão cercadas de enunciados que se repetem e se conectam. Dessa maneira, cada enunciado pode ser representado por um acontecimento discursivo.

Tomando como base o método arqueológico, Rosário Gregolin (2004) ao definir enunciado, desconstrói a preposição, a frase e os atos de linguagem a fim de revelar

uma melhor compreensão para o leitor a respeito dessa ferramenta Foucaultiana. Segundo a autora, a proposição não pode ser vista como um enunciado, pois ele está no plano do discurso e não pode ser submetido às provas de verdadeiro ou falso; as frases por seguirem a estrutura – sujeito, verbo, predicado – também se distinguem desse conceito; e por fim, Rosário atribui aos atos de linguagem uma melhor aproximação daquilo que seria o enunciado.

A partir dos atos de linguagem, podemos descrever uma operação efetuada em sua emergência não se importando com o que aconteceu antes (intenção) ou depois (causa), mas com aquilo que foi produzido pelo simples fato de ter sido enunciado. Assim, a existência do enunciado pode ser caracterizada por quatro traços: seu referencial (lugar, campo de emergência); o sujeito (que enuncia); os domínios associados (memórias discursivas); e a materialidade (elementos verbais e não verbais que envolvem o discurso) (FOUCAULT, 2008).

Foucault em arqueologia do saber se preocupa a estudar e enunciado como acontecimento discursivo. Em outras palavras, o filósofo toma o acontecimento discursivo como estatuto da regularidade enunciativa em relação ao arquivo. Assim o autor identifica suas singularidades para defini-lo.

Um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem (FOUCAULT, 2008, p. 31-32).

A partir da citação transcrita acima podemos identificar algumas características da função enunciativa em relação ao acontecimento. A materialização do enunciado se manifesta no acontecimento; o enunciado se torna acontecimento pela rede de memórias; o enunciado pode ser único e ao mesmo tempo ressurgir em outras enunciações; por fim, o enunciado está entrelaçado com outras funções enunciativas capazes de criarem relações com enunciados anteriores e posteriores na dispersão.

Apesar de sua singularidade, os enunciados não podem ser vistos como acontecimentos originais. Foucault (2008) explica que os enunciados apesar de terem suas particularidades, se repetem em momentos distintos ao longo da história. Nesse sentido, o enunciado torna-se único, mas regular, pois ele reaparece em tempos descontínuos para recriar memórias em uma sociedade.

Foucault em *arqueologia do saber* se opõe a ideia de linearidade na história. O autor acredita que as histórias são descontínuas e não organizadas em uma horizontalidade. Um dos problemas de analisarmos a função enunciativa é correremos o risco de construirmos um estudo com essa teoria tão criticada pelo filósofo. Essas relações que envolvem similaridades e causalidades foram definidas por Foucault (2008) como história global.

O método arqueológico desenvolvido por Foucault apresenta uma nova perspectiva de como observarmos os acontecimentos discursivos a partir de indagações, problematizações, suas possíveis relações, delimitações, defasagens, singularidades (Foucault, 2008). Ou seja, toda a forma tradicional de história global contínua deve ser questionada. De acordo com Foucault, o método arqueológico não procura apenas compreender a pluralidade e independência dos acontecimentos, mas “determinar que forma de relação pode ser legitimamente descrita entre essas diferente séries” (Foucault, 2008, p.11); e a partir da descrição, identificar suas correlações com outros modelos semelhantes, às temporalidade, compreender sua dominância. Em suma, apesar da série enunciativa produzir a ideia de história contínua, o trabalho do analista do discurso se baseia na identificação da singularidade de cada enunciado como acontecimento discursivo no arquivo.

Assim, a análise arqueológica nos leva a refletir sobre duas condutas presentes no processo de sua verificação: como não existe um acontecimento original, não se pode analisar uma série enunciativa buscando sua continuidade; apesar de serem singulares, os enunciados não podem ser isolados, pois eles estão interligados com uma série enunciativa onde um acontecimento precisa fazer relação com outros acontecimentos. Portando o nosso estudo busca descrever essas relações que o enunciado faz com a série enunciativa a fim de compreender o que existe de tão diferente e novo no dito “máscara é coisa de viado”.

Discurso e enunciado

De acordo com Foucault (2008) o discurso é composto por enunciados limitados “para os quais podemos definir um número de condições de existência” (p. 143). Nessa perspectiva, o trabalho descritivo do discurso deve evidenciar suas relações enunciativas e suas regras de funcionamento, pois ele por si só não se compromete em explicitar suas intenções, pensamentos, desejos do sujeito, ou revelar seus fundamentos. Apesar disso, não se trata de buscar elementos enunciativos no discurso a fim de interpretar um sentido, ou um valor de verdade, mas uma “lei de raridade” (FOUCAULT, 2008, p.146) que tente compreender os aparecimentos dos enunciados em determinados momentos, suas regras, condições, utilizações e apropriações. No discurso a lei da raridade pode ser compreendida em Foucault pelo princípio de que nem tudo pode ser dito. Apesar de numerosos, os enunciados estão sempre precisando de outros elementos para comporem o discurso.

Na perspectiva arqueológica, não existe a busca por uma gênese “a partir de uma descoberta que, pouco a pouco, desenvolveria suas consequências e ampliaria suas possibilidades”(FOUCAULT, 2008, p.180), mas ela se difere desse percurso, comprometendo-se a descrever a “homogeneidade enunciativa” (FOUCAULT, 2008, p.181) definida pelo seu próprio recorte temporal. Por isso que a arqueologia não pode ser interpretada como uma busca pelas origens dos discursos a partir de descobertas secretas, pois ela não está situada na descrição das relações de causa. O discurso não existe porque alguém, um dia, proferiu ou depositou, em alguma região, seu traço temporário (FOUCAULT, 2008, p. 116). Apesar do discurso ser composto por enunciados que estão interligados por uma rede enunciativa, o sujeito do enunciado não pode ser confundido com o autor de sua formulação.

Ele não é, na verdade, causa, origem ou ponto de partida do fenômeno da articulação escrita ou oral de uma frase; não é, tampouco, a intenção significativa que, invadindo silenciosamente o terreno das palavras, as ordena como o corpo visível de sua intuição (FOUCAULT, 2008, p. 115).

Para Foucault, esse lugar pode ser ocupado por diferentes indivíduos em momentos distintos pois existe uma variável que se modifica ao longo das fases do

discurso. Assim, o sujeito falante não centraliza a constituição do discurso para si, mas faz circular diversas informações a partir daquilo que foi dito.

Na arqueologia, o discurso só pode ser descrito a partir das suas regras de funcionamento e por meio das relações enunciativas. Ou seja, um enunciado precisa fazer referência a outro enunciado. Dessa forma, as condições de existência do discurso são explicitadas. O referencial do enunciado “define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade” (FOUCAULT, 2008, p. 111). Assim, os discursos são descritos e suas relações enunciativas apresentadas sempre de maneira dispersa e incompleta. Essas fraturas são caracterizadas pelas palavras, símbolos, frases, atos de fala, proposições, etc. que se posicionam como uma rede enunciativa no discurso com funções determinadas, regras, leis e possibilidades de existência. Para Foucault (2008) o enunciado precisa estar relacionado com todo o campo do discurso, pois:

[...] não se trata de uma relação suplementar que vem se imprimir sobre outras, não se pode dizer uma frase, não se pode fazer com que ela chegue a uma existência de enunciado sem que seja utilizado um espaço colateral; um enunciado sempre tem margens povoadas de outros enunciados (2008, p. 118).

Dessa forma, não é a temporalidade que vai definir o aparecimento dos enunciados no discurso, mas esse esquema de regras discursivas que organiza os enunciados. Independente do sujeito falante, os enunciados tendem a seguirem uma materialidade repetível que se apresenta em momentos distintos da história. Essa peculiaridade permite ao analista do discurso compreender discursos específicos de cada época e as vontades de verdade que prevalecem no decorrer da história.

Raridade, exterioridade e acúmulo

Foucault em arqueologia do saber nos ensina a analisarmos os enunciados como acontecimentos discursivos. Na tentativa de descrevermos esses acontecimentos nos deparamos com as relações que os enunciados têm uns com os outros assim como suas descontinuidades na história. Para o autor,

[...] descrever um conjunto de enunciados, não como a totalidade fechada e pletórica de uma significação, mas como figura lacunar e retalhada; descrever um conjunto de enunciados, não em referência à interioridade de uma intenção, de um pensamento ou de um sujeito, mas segundo a dispersão de uma exterioridade; descrever um conjunto de enunciados para aí reencontrar não o momento ou a marca de origem, mas sim as formas específicas de um acúmulo (FOUCAULT, 2008, p. 153).

Comprendemos a partir da citação acima que o autor nos orienta para a importância de três componentes indispensáveis nas análises dos enunciados: raridade; exterioridade e o acúmulo. Foucault vai chamar de raridade não as significações ou ligações que os enunciados têm em comum em determinadas épocas, mas definir o porquê determinados discursos puderam aparecer; que condições específicas favoreceram “os únicos conjuntos significantes que foram enunciados” (FOUCAULT, 2008, p. 146).

Assim, a lei de raridade proposta por Foucault (2008) busca estabelecer na análise enunciativa quatro parâmetros possíveis para sua aplicação: por mais que os enunciados sejam numerosos, eles não são capazes de dizerem tudo aquilo que se diz sobre um determinado assunto; Existe um sistema limitado de enunciados no discurso, isso implica dizer que as análises devem ser feitas no limite daquilo que não foi dito. Dessa forma, alguns enunciados podem ser excluídos, e por esse motivo, eles dependem dessa rede enunciativa e das exclusões; O sistema de exclusão não significa dizer que um enunciado vai assumir o lugar do outro, pelo contrário, cada enunciado tem o seu lugar no discurso. A descrição existe para que cada enunciado assuma sua posição singular e rara; Apesar dos enunciados serem relevantes, singulares e raros, eles não têm apenas um sentido. Esses sentidos são ampliados pelos comentários feitos ao seu respeito e por sua proliferação em espaços diversos.

As formações discursivas são apresentadas por Foucault como uma ferramenta capaz de estabelecer por meio da raridade um sistema singular que permite o aparecimento do enunciado no discurso. Assim, ao invés de procurar um fonte de riquezas infinitas, o analista deve buscar “um bem finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização” (FOUCAULT, 2008, p. 147). Se tomarmos essas possibilidades como ponto de análise temos que nos ater aos fatores externos do discurso. A exterioridade na

análise enunciativa vai nos apresentar as características das condições e as relações de poder para a existência dos enunciados.

A exterioridade pode ser analisada em três momentos: 1) Não podemos compreendê-la como um pensamento que nasce na mente do sujeito falante, mas devemos levar em consideração o campo dos enunciados como o lugar de pertencimento e transformações regulares; 2) O sujeito do discurso não pode ser visto como o detentor individual do enunciado, mas ser analisado como “um campo autônomo cuja configuração defina o lugar possível dos sujeitos falantes” (FOUCAULT, 2008, p. 150); 3) Ao estudarmos a história daquilo que foi dito não devemos buscar suas intenções individuais, pois “não importa quem fala, mas o que ele diz, que não é dito de qualquer lugar” (FOUCAULT, 2008, p. 150). Esse contexto vai permitir definir aquilo que pode ou não ser dito. Por isso é importante analisar os enunciados a partir da exterioridade, pois através dela, podemos compreender as relações entre os sujeitos e descrever os poderes em seu exercício.

Além da raridade, exterioridade, Foucault ressalta o acúmulo como forma de análise para identificarmos os enunciados no discurso. Esse modelo de análise busca relevar que existe um conjunto de enunciados já ditos. Dessa maneira, as sequências discursivas proferidas são compostas por memórias repetíveis. Assim, a seleção de enunciados deve ser feita a partir das suas relações com os seus modos de existência associado às práticas sociais contemporâneas.

O caminho para os enunciados

Diferente de anos anteriores, 2020 se mostrou ser um momento histórico para observamos o comportamento humano no mundo e principalmente no Brasil. As nações mundiais passam por um processo de adaptação a uma nova cultura imposta pela chegada de um vírus com alto risco de transmissão denominado COVID-19. Essa nova cultura determina comportamentos e ações que devem ser tomadas pelos seres humanos para evitarem a proliferação da doença em cada país, região, estado, cidade, bairro. Como não há (até o momento desta pesquisa) um medicamento eficaz ou uma vacina para imunizar a população mundial, uma das medidas adotadas por alguns líderes mundiais com base nos estudos científicos foi o isolamento social. Segundo a

Organização Mundial da Saúde (OMS), essas medidas são difíceis, mas necessárias para conter o avanço da pandemia⁵.

A resistência do presidente do Brasil, Jair Bolsonaro em adotar medidas mais severas para que o vírus fosse contido nos leva a observar seu comportamento diante de um dos maiores problemas de saúde pública já enfrentados no país. Nesse contexto, surgem enunciados que foram ditos pelo presidente da república e selecionados nesta pesquisa para que pudéssemos compreender os discursos que os atravessam. A rede de memória que Foucault (2008) tanto nos fala vai explicitar esses enunciados ditos pelo presidente Bolsonaro. A **Figura 1** abaixo mostra alguns enunciados selecionados que embasam nossa pesquisa.

9 de Março	“Vírus superdimensionado”
10 de Março	“Fantasia da mídia”
20 de Março	“Gripezinha”
26 de Março	“Brasileiro não pega nada”
29 de Março	“Enfrentar como homem, pô”
1 de Abril	“Tá com medinho de pegar vírus?”
12 de Abril	“Está começando a ir embora”
20 de Abril	“Não sou coveiro”
28 de Abril	“E daí?”
8 de Julho	“Máscara é coisa de viado”

Figura 1 – Enunciados ditos pelo presidente Bolsonaro em 2020
Fonte: *Estadão*⁶.

No dia 8 de julho de 2020, a jornalista Mônica Bergamo revelou em uma reportagem publicada pela *Folha de S. Paulo*⁷ que Jair Bolsonaro teria dito “Máscara é coisa de viado” as pessoas que o visitavam no Palácio do Planalto. Esse enunciado foi

⁵ OMS Reforça que medidas de isolamento são a melhor alternativa contra o coronavírus. **Jornal Nacional**, 30, março de 2020. Disponível em: < <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/03/30/oms-reforca-que-medidas-de-isolamento-social-sao-a-melhor-alternativa-contr-o-coronavirus.ghtml> > Acesso em: 29 de jul. 2020.

⁶ Disponível em: < <https://twitter.com/Estadao/status/1262933230283452417> > Acesso em: 4 de Jul. 2020.

⁷ Máscara é ‘coisa de viado’, dizia Bolsonaro na frente de visitantes. **Folha de S. Paulo**, 7 de Jul. de 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/07/mascara-e-coisa-de-v-dizia-bolsonaro-na-frente-de-visitas.shtml?origin=folha#>> Acesso em: 29 de Jul. 2020.

escolhido por ser um dos mais atuais e trazer consigo um acontecimento singular que deu origem a uma campanha na *Internet* denominada “coisa de viado”.

A pesquisa foi realizada em três momentos: o primeiro ocorreu através da observação do comportamento do presidente Jair Bolsonaro por meio dos veículos de notícia (TV, *Internet*) em relação a pandemia no Brasil o que tornou possível a identificação de uma série enunciativa (**Figura 1**).

No segundo momento realizamos a seleção do enunciado que foi analisado neste trabalho com o objetivo de identificar suas singularidades e compreender sua função e relações com outros enunciados no campo discursivo.

Na terceira parte apontamos os resultados da pesquisa a partir do nosso levantamento teórico e metodológico. Não cabe ao analista do discurso julgar o certo ou o errado em um enunciado, mas apontar suas relações discursivas com a rede enunciativa e suas relações. O **Figura 2** mostra como esquematizamos o nosso estudo:

Figura 2 – Processo de construção da pesquisa
Fonte: elaboração própria.

Com os ditos selecionados, aplicamos os conceitos relacionados ao enunciado em Foucault (2008) para que pudéssemos obter os resultados desejados como mostra o **Figura 3**.

Figura 3 – Conceitos Foucaultianos utilizados nesta pesquisa
Fonte: adaptação própria aos conceitos de Foucault (2008).

Seguindo o método arqueológico, tomamos como base a proposta de Foucault (2008) quando o autor identifica o enunciado no discurso a partir de três características: raridade, exterioridade e acúmulo. O **Figura 4** mostra o detalhe do método.

Figura 4 – Categorização e análise dos enunciados
Fonte: adaptação própria aos conceitos de Foucault (2008).

A rede social *Twitter* foi escolhida como o espaço heterotópico para a seleção dos enunciados. A era digital possibilita a criação de conteúdos e reverberação dos enunciados na *Web*. Dessa maneira identificamos essa rede enunciativa que possibilitou os desdobramentos desta pesquisa.

Máscara é coisa de viado

Produto de uma reportagem publicada pela jornalista Mônica Bergamo da *Folha de S. Paulo* no dia 8 de julho de 2020, a notícia, intitulada “Máscara ‘é coisa de viado’, dizia Bolsonaro na frente de visitas” trouxe a público mais um enunciado dito pelo presidente do Brasil em tempos de pandemia no país. Segundo a jornalista, relatos das pessoas que cercavam Jair Bolsonaro confirmam que o presidente se recusava a usar máscara quando estava próximo de amigos, familiares e apoiadores. Bolsonaro induzia pessoas a seguirem o seu exemplo e fazia questão de se aproximar delas para cumprimentá-las com um aperto de mão. Todas essas práticas são condenadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) que em tempo fez a campanha “usar máscara salva vidas”.



Figura 5 – Reportagem publicada no *Twitter* pelo jornal *Folha de S. Paulo*
Fonte: captura de tela.

Na matéria jornalística é possível identificar dois momentos importantes de fala do presidente como podemos acompanhar sua descrição abaixo:

Besteira 1: *Ao perceber que o visitante estava tenso, segundo um deles relatou à coluna, dizia que aquele medo era besteira.*

Besteira 2: *O presidente chegava a brincar com funcionários, perguntando quem usava máscara e dizendo que aquilo era coisa de viado.*

A formação discursiva do enunciado em análise está voltada para uma disseminação de ideias negacionistas e tradicionalistas onde o conservadorismo se une as formações ideológicas. Foucault (2008) nos leva a pensar como o discurso se materializa em sociedade. Podemos dizer que essa aproximação do presidente com pessoas amedrontadas que estavam ao seu redor se configura em uma postura negacionista e ao mesmo tempo preconceituosa. Jair Bolsonaro rejeita as normas sanitárias de prevenção ao coronavírus, influencia pessoas a seguirem o seu exemplo e ao mesmo tempo discrimina a classe LGBTQI+. De que maneira o simples ato de colocar um pano no rosto para evitar o contágio de uma doença pode ferir a virilidade masculina? O enunciado dito pelo presidente ainda busca arranjar uma falsa desculpa “coisa de viado” na tentativa de evitar o uso da máscara e ao mesmo tempo subjetivar o objeto.

O discurso de Bolsonaro ainda reverbera na WEB ressignificando diferentes formas e vozes. “Se a postagem no espaço digital permite escapar da invisibilidade e das margens, joga a imagem desse corpo na hipervisibilidade” (GREGOLIN, 2015, p. 206). Foucault (2008) nos leva a pensar o enunciado como acontecimento discursivo. Esse acontecimento está pautado em uma materialidade repetível que pode ser modificada ao longo do tempo. No *Twitter* isso acontece na forma de curtidas, comentários, interatividades. Considerando que a postagem da reportagem na rede social tem 9.547 curtidas, 6.638 republicações e 2.683 comentários interativos, ao aplicarmos o método arqueológico a partir do princípio da regularidade e dispersão, conseguimos categorizar os comentários interativos em quatro momentos:

- 1) **Relativismo:** reúne enunciados que tentam desviar o foco do dito a fim de proteger o sujeito falante e atacar verbalmente outras pessoas do discurso.
- 2) **Inversão:** agrega enunciados que se opõem à ideia proposta transformando-a em um novo sentido, uma nova configuração a partir do dito;
- 3) **Desprezo:** contém enunciados que lamentam, condenam e replicam ódio pelo sujeito;

4) **Comparação:** inclui enunciados que buscam atacar a imagem do sujeito falante a partir de subjetivações diversas.

Importante destacar que cada categoria acima faz referência a mesma série enunciativa do acontecimento discursivo. Assim, os elementos se repetem, se adaptam e se modificam no acúmulo. Portanto, selecionamos quatro exemplos de enunciados para representar cada categoria de análise.

1) **Relativismo:** nessa categoria os enunciados destacados vão relativizar o discurso do presidente Bolsonaro e atacar verbalmente outros sujeitos como a jornalista, a imprensa, etc.

As tentativas de desacreditar jornais tradicionais brasileiros podem ser consideradas formas de desvio de foco em relação aquilo que foi dito pelo presidente. Em suma, esses enunciados consistem em agredir opositores, intimidar perfis e propagar desinformação e ódio na rede social. O enunciado “imprensa nojenta” é o que mais se repete e associa o veículo de comunicação a um “jornal de fofocas” tentando fazer com que pessoas da rede não acreditem aquilo que foi publicado pela *Folha de S. Paulo*.

No entanto, cabe a nós analisarmos o relativismo como confirmação do discurso de Jair Bolsonaro no *Twitter*. No campo do não dito, os sujeitos que relativizam ou reproduzem o enunciado dito pelo presidente Bolsonaro, de certa forma, concordam com ele e, por consequência, atacam os veículos tradicionais de comunicação na tentativa de propagarem o enunciado “imprensa nojenta” a fim de delimitarem o “verdadeiro” e o “falso” no campo discursivo de apoio ao presidente.

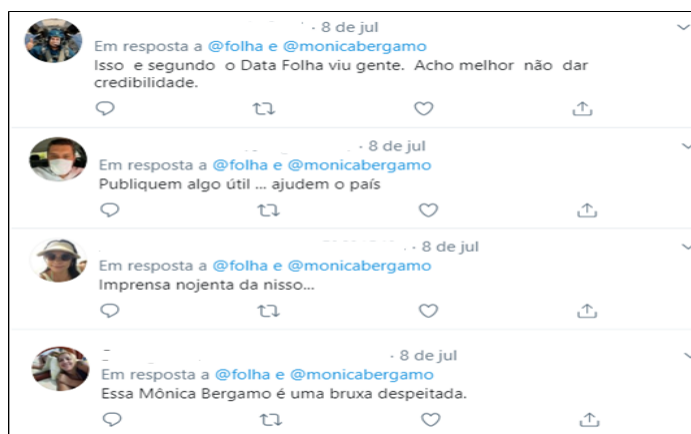


Figura 6 – Enunciados que fazem parte da categoria relativismo

Fonte: captura de tela.

- 2) **Inversão:** a segunda categoria (inversão) apresenta quatro exemplos de como alguns enunciados acabam transformando o sentido negativo do dito “máscara é coisa de viado” em algo positivo. É possível observar que o “ser gay” foi posto como ponto de união para a classe LGBTQI+ entrar no discurso e tentar desconstruir o termo pejorativo atribuído a eles pelo presidente Jair Bolsonaro.



Figura 7 – Enunciados que fazem parte da categoria inversão

Fonte: captura de tela.

Nessa categoria é possível observar a regularidade dos enunciados que englobam a origem do movimento #coisadeviado⁸ onde perfis publicam textos, fotos e vídeos ensinando como utilizar a máscara de forma correta além de levantarem o debate sobre a homofobia nas redes sociais. A transcrição abaixo mostra um dos exemplos selecionados da campanha feita na *Internet* como forma de contraponto ao enunciado dito por Bolsonaro. “Acho um elogio falar que usar máscara é coisa de viado. Aqui tô seguindo a tradição” tuitou Caio Gregori.

O segundo enunciado (**Figura 7**) revela um número de curtidas significativas em relação aos demais. Isso pode ser visto como algo de interesse comum entre os sujeitos que compartilham desse pensamento. A “viadagem pode salvar vidas” abre caminho para a reflexão do enunciado “viadagem”, pois como está posto, fortalece o antagonismo ao dito pelo presidente e recria uma formação discursiva que culmina em uma campanha de conscientização. Retomando o conceito de formação discursiva podemos dizer que:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (FOUCAULT, 2008, p. 43).

Assim, o sujeito Bolsonaro se torna o vilão e vai sendo subjetivado a partir de outros olhares.

Observamos que o enunciado a “viadagem salva vidas” rompe com o termo pejorativo atribuído a classe LGBTQI+ pelo presidente Bolsonaro e, por isso, provoca indignação e união em prol do discurso científico – preventivo – que busca conscientizar pessoas em sociedade.

3) **Desprezo:** como podemos observar logo abaixo, os enunciados selecionados fazem parte de um campo enunciativo onde o xingamento está direcionado ao

⁸ “Coisa de viado”: Internautas reagem à fala de Bolsonaro com fotos vestindo máscara. **VOGUE**, 8 de Jul. de 2020. Disponível em: < <https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2020/07/coisa-de-viado-internautas-reagem-fala-de-bolsonaro-com-fotos-vestindo-mascara.html> > Acesso em: 01 de Agos. de 2020.

presidente Bolsonaro. Esses enunciados ditos são caracterizados pelo desprezo, raiva, lamento e o desejo de morte.



Figura 8 – Enunciados que fazem parte da categoria desprezo
Fonte: captura de tela.

Por mais que os enunciados analisados na categoria desprezo sejam considerados impróprios por alguns sujeitos, eles podem ser vistos como a materialização de conflitos morais. Foucault (2017a) define moral como um conjunto de regras e princípios externos ao indivíduo capazes de interferir em suas posições sociais. Assim, o indivíduo pode resistir ou negligenciar valores adquiridos. Nesse caso, o primeiro comentário descreve esse conflito moral. “E tem gente que ainda quer que as pessoas tenham empatia por esse ser abominável”. Por mais que o sujeito ouvisse outros discursos que pedem “empatia”, ele ignora esses princípios morais e assume uma posição no discurso de oposição a “esse ser abominável”.

Os enunciados “empatia por esse ser” e o “tomara que morra” foram os mais relevantes desse grupo enunciativo. Podemos dizer que no primeiro caso exista uma forma mais moderada de crítica ao sujeito do enunciado, pois em tempos de pandemia, algumas pessoas se colocam no lugar das outras tomando para si dores e sofrimentos acarretados pela perda de entes queridos. Por outro lado, esses mesmo sujeitos que se

compadecem de outros estão dispostos a restringir pessoas específicas do seu campo afetivo. Importante destacar que o discurso do presidente Bolsonaro só consegue atingir notoriedade e relevância social pelo fato do sujeito está posto como líder da nação e ocupar um lugar no discurso legitimado pelas instituições brasileiras. Não é qualquer pessoa que está dizendo que a “máscara é coisa de viado”, mas um chefe de Estado em condições específicas de fala em um determinado momento da história como nos ensina Foucault 2008.

O segundo enunciado “tomara que morra” faz parte de um campo enunciativo que associa o não uso da máscara a morte do sujeito. Claro, que esse enunciado pode ser visto de outras formas, como por exemplo, um desabafo, um cansaço do indivíduo em relação ao dito “máscara é coisa de viado”, entre outras. Compreender o *Twitter* como espaço heterotópico é entender que esses enunciados se repetem em momentos específicos e estão sempre atuais. O exemplo destacado abaixo mostra a atualidade desse acontecimento:



Figura 9 – Enunciado “tomara que morra” publicado no dia 9
Fonte: captura de tela.

Mesmo o jornal publicando a reportagem no dia 8 de julho de 2020, o enunciado “tomara que morra” continua reverberando no *Twitter* (9 de julho) confirmando a noção de acontecimento discursivo mostrando sua regularidade na *Web*.

- 4) **Comparação:** por fim, essa categoria mostra como a “masculinidade” do presidente é questionada na rede social por ele atribuir termos negativos a classe LGBTQI+ em diversas falas. Como o nosso foco está direcionado ao enunciado “máscara é coisa de viado”, suas regularidades, compreendê-lo como acontecimento discursivo, identificar no acúmulo suas singularidades, não entraremos na análise sobre falas homofóbicas do presidente ao longo de sua carreira política.



Figura 10 – Enunciados que fazem parte da categoria comparação
Fonte: captura de tela.

Como podemos observar na **Figura 10** os enunciados selecionados questionam a sexualidade do presidente e ao mesmo tempo que subjetivam o Bolsonaro. “Cara, esse sujeito só pode ser homossexual e ter medo de admitir, só pode! Tanta “masculinidade” tem que estar ocultando o verdadeiro significado da vida medíocre dele!”. O enunciado “só pode ser homossexual” atribui ao presidente uma subjetividade de como ele pode ser visto no discurso. Para justificar esse enunciado o sujeito faz uso do termo “masculinidade” como forma de enfrentamento ao dito pelo presidente. Essa série enunciativa posiciona os enunciados em um campo discursivo onde o presidente entra em círculos de subjetivações. Esses atributos podem ser vistos como consequência de discursos homofóbicos materializados pelo presidente no decorrer da sua história.

Foucault (2008) explica os enunciados são conduzidos por uma ordem discursiva. Essas leis cumprem normas, técnicas, valores, hierarquias que possibilitam sua prática. Descrever cada série enunciativa selecionada para esta pesquisa nos abre um olhar diferenciado de como os discursos se repetem e aparecem em lugares

específicos no decorrer da história. No entanto, como sabemos que existem incontáveis enunciados que fazem parte desse discurso, o nosso recorte identifica o surgimento e a reverberação a partir do dito “máscara é coisa de viado” no *Twitter* com as quatro categorias analisadas.

A **Figura 11** mostra como as formações discursivas atravessam o enunciado “máscara é coisa de viado”. Por um lado temos enunciados que representam resistência às subjetivações do dito pelo presidente e do outro, o apoio. Durante a pesquisa identificamos um maior número dos enunciados que compõe o grupo #coisadeviado, logo em seguida “masculinidade frágil”, “tomara que morra” e por fim, “imprensa nojenta” respectivamente. Não foi possível contabilizar todos os enunciados publicados abaixo da postagem, pois por mais que identificássemos, eles estariam reaparecendo em momentos diferentes como explica Foucault (2008).

Figura 11 – Resultados ilustrados a partir das análises obtidas
Fonte: elaboração própria.

Quando analisamos enunciados selecionamos momentos específicos a partir das descobertas durante a pesquisa. Por isso, não cabe a nós analisarmos tudo o que foi dito, mas encontramos uma regularidade nessa rede de enunciados e identificamos suas relações com o discurso. Assim, nossa proposta foi realizada e bem sucedida nesta pesquisa.

Considerações finais

Iniciamos o nosso artigo com duas hipóteses que foram confirmadas ao longo da nossa pesquisa: a primeira afirma que o enunciado “máscara é coisa de viado” faz parte de um discurso negacionista que busca minimizar os impactos da pandemia no Brasil a fim de ignorar o caos. Como vimos na categoria *inversão*, os enunciados destacados recriam uma campanha a partir do dito pelo presidente para reforçarem os cuidados com a saúde pública, o distanciamento social e todas as recomendações feitas pela OMS. Além disso, os enunciados da **Figura 1** mostram como a pandemia está sendo tratada por Bolsonaro. Essa rede enunciativa pode ser caracterizada como um negacionismo científico por parte do presidente.

A segunda hipótese também foi confirmada em partes. Na ocasião destacamos que a palavra “viado” utilizada por Jair Bolsonaro entra no discurso machista onde acessórios são associados à imagem feminina e o homem com sua virilidade não precisaria utilizar a máscara como forma de proteção pessoal. A categoria *comparação* aborda justamente essa temática, pois a masculinidade do presidente é questionada pelos enunciados publicados no acúmulo e o sujeito passa a ser subjetivado por aquilo que ele disse. As subjetivações atribuídas a Bolsonaro não são capazes de definir o seu enunciado como machista, mas fazem alusão a masculinidade frágil que é utilizada para caracterizar comportamentos que põem em xeque a sexualidade do homem.

Importante destacar que o nosso objetivo está fixado na identificação da regularidade do enunciado “máscara é coisa de viado” e sua caracterização como acontecimento discursivo no *Twitter*. Sendo assim, nossas hipóteses entram como complemento para fundamentação da pesquisa. Para tanto, o aprofundamento desses discursos pode ser feito em trabalhos futuros a partir das nossas impressões iniciais.

Dentro do acúmulo – *Twitter* – identificamos sujeitos que contribuem para a reverberação dos enunciados na rede social. Eles se diferem um dos outros e assumem posições específicas no discurso. As quatro categorias analisadas nos mostram o funcionamento de cada rede enunciativa: *relativismo*, *inversão*, *desprezo* e *comparação*. A partir delas, foi possível compreender como a resistência às subjetivações são postas no por esses grupos na *Internet*.

Acreditamos que nossa pesquisa se configura como um experimento inicial, pois requer uma atenção maior aos discursos que atravessam o enunciado analisado. Com tudo, os resultados mostram que existe uma rede de apoio e rejeição ao presidente no *Twitter*. Neste caso específico, a campanha #coisadeviado tomou proporções inesperadas que alavancou essa rede enunciativa no espaço heterotópico da *Web*. Esses enunciados vão continuar reverberando e construindo redes enunciativas cada vez mais sólidas compostas por memórias discursivas. Assim, as sociedades vão se formando e cada vez mais sendo pautadas pelos acontecimentos que envolvem os enunciados no digital.

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Trad. Salma Tannus Muchail. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- _____. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____. **A história da loucura**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010
- _____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Campinas: Loyola, 1996.
- _____. **Subjetividade e verdade**. In: _____. Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 107-115.
- _____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 28. ed. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004a.
- GREGOLIN, M. R. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Claraluz, 2007.
- JENKINS, H. **Cultura da convergência**. Trad. Suzana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- ORLANDI, E. P. Propaganda política e língua de Estado: Brasil, um país de todos. In: ORLANDI, E. P. **Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia**. Campinas, SP: Pontes, 2012. p. 107-128.

SARGENTINI, V. A descontinuidade na História: a emergência dos sujeitos no arquivo. In: SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA. **Michel Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. São Carlos, SP: Claraluz, 2003. p.77-96.

SARGENTINI, V. Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade. In: GREGOLIN, M. R. **O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas**. São Carlos, SP: Claraluz, 2004. p. 23-44.

Submetido em: 01/12/2020.

Aprovado em: 26/01/2021.

Como referenciar este artigo:

GERONIMO, Aderlon dos Santos; BARACUHY, Regina. Máscara é coisa de viado: formas de resistência, relativismo e apoio no twitter ao enunciado dito pelo presidente Bolsonaro. **revista Linguagem**, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 249-273.